

IMPRESSO

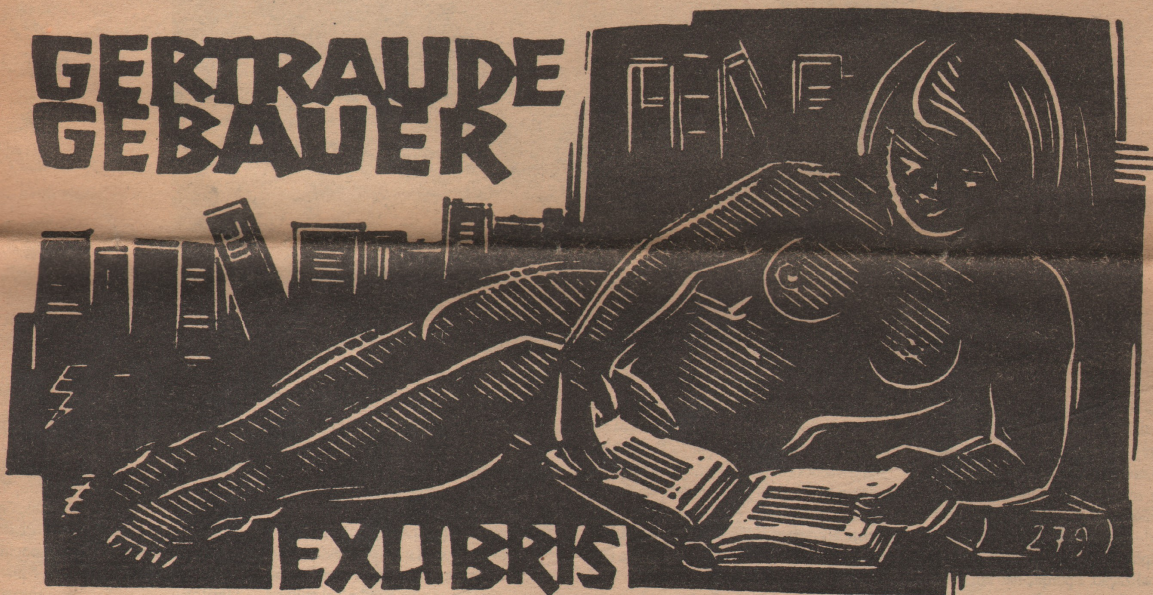
Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Florianópolis - Julho/Agosto'97 - Nº 24

C18

EX-LÍBRIS



Uma marca personalizada
impressa em obras

EX-LIBRIS

SÍNTESE DO CULTO PELA ARTE

Jorge de Oliveira

Uma das tendências fundamentais do ser humano é atrair para si o que lhe pertence. Os mais cuidadosos tentam marcar com seu nome ou qualquer outra marca pessoal os objetos que lhes pertence para evitar que sejam surrupiados.

Com os bibliófilos não é diferente. Os livros são, para eles, um bem material e espiritual, portanto não é de se estranhar que eles lhes pessegue sua assinatura ou qualquer outra marca de posse, para que se saiba que seus livros têm dono.

Os que amam verdadeiramente seus livros, não maculam suas páginas com carimbos, geralmente de mau gosto, com vinhetas tipográficas, de caráter impessoal, válidas para gregos e troianos ou com assinaturas, muitas vezes, ilegíveis. Recorrem aos Ex-Libris, uma etiqueta que dá a entender que o livro, em cuja contracapa ou guarda ela está, colada tem... dono. Claro que na referida etiqueta tem de figurar o nome e sobrenome, ou pelo menos, as iniciais do proprietário do livro.

A invenção da imprensa e o desenvolvimento das artes gráficas possibilitou o aparecimento dos Ex-Libris para substituir as outras marcas de posse. A etiqueta é portadora do nome do dono do livro e, muitas vezes, além do nome e da expressão latina "Ex-Libris", nela se lê qualquer divisa que serve de lema ao dono do livro, isto sem falar dos motivos artísticos (humanos, botânicos, zoológicos, geográficos, históricos, bibliográfi-

cos, etc.). Aparece, por vezes, a decorar esses pequenos retângulos de papel, quando o possuidor a isso tem direito, o brasão de armas de sua família ou qualquer outro motivo heráldico.

Os Ex-Libris abrangem e harmonizam tudo. Devem ser como um retrato sincrético do seu titular nas suas atividades profissionais, predileções artísticas, científicas, filosóficas, etc.

Criado com os nomes de "Ex-Biblioteca" e "Ex-Dono", foi, por fim popularizado e consagrado com a denominação de "Ex-Libris". É uma expressão latina composta da preposição "Ex" que significa origem, "de", e portanto, "vindo de...", "proveniente de..." e do ablativo plural neutro "Liber", "Libri". Etimologicamente significa "dos livros de...", "proveniente dos livros de..." e por consequência, ampliando, "da biblioteca de..."

Ex-Libris é a expressão usada em quase todo o mundo, algumas vezes com hífen, outras sem, não sendo obrigatório usar de uma ou de outra maneira. Todavia, os americanos e os ingleses (bookplate), alemães (mein buch) e os russos (iz knig) têm vocábulos próprios para substituir o "Ex-Libris".

Antes do Ex-Libris, as marcas de posse não tinham arte. Depois do Ex-Libris passaram, de um modo geral, com inevitáveis exceções, a ser um mimo artístico que fornecem aos amadores das coisas belas, momentos de inelével prazer espiritual. É razão para

se dizer: os Ex-Libris, se não existissem, teriam que ser inventados; o que o homem fez, num momento de máxima percepção.

Origem

Alguns pesquisadores afirmam que o Ex-Libris surgiu no Egito, no reinado do faraó Amenófis IV, 1.400 anos antes de Cristo. É conservado no Museu Britânico de Londres, uma caixa de papiros, cuja tampa é uma louça de barro cozido e esmaltado com uma inscrição hieroglífica, procedente da biblioteca daquele faraó.

Outros indicam sua origem na remota Mesopotâmia. Foi encontrado nas ruínas de Nínive, no século passado, inúmeros tijolos e placas de barro cozido (os documentos escritos da civilização Assíria) e em todos eles é repetido um símbolo em cuneiforme. Teriam pertencido à biblioteca de Assubarnipal (667-626 a.C.)

Já foi citada também uma tábula existente na biblioteca do Vaticano, com a efigie do imperador alemão Frederico I, o Barbarroxa (1122-1190) datada em 1188.

Especulações à parte, o Ex-Libris mais antigo, reconhecido como autêntico, pertenceu ao alemão Johann Knabensberg, alcunhado "Inglor" (ouriço). É uma rústica xilogravura e representa um ouriço com uma flor na boca, encimado por uma legenda inscrita em uma fita ondulada. Teria sido gravada em 1.450, apenas dez anos após a invenção de Gutenberg.



EX-LIBRIS DE OTHON DEÇA COM DESENHO DE CORRÊA DIAS

Símbolo de Virtudes

Jayro Schmidt

Ex libris é a marca desenhada ou gravada e impressa em obras caracterizando a originalidade e a propriedade de autores, geralmente de livros. O aspecto gráfico do ex-libris se aproxima da vinhetta, (pequeno desenho que ilustra uma página), tendo como particularidade imagens que sintetizam a personalidade e o objetivo do autor. A este respeito frisa A. Jimenez que vários autores utilizaram o ex libris como símbolo de títulos e de virtudes que não concordavam com a natureza de seus proprietários. Por outro lado, muitas vezes prevalecia a vaidade dos autores ao imprimirem seus pensamentos em frases lisonjeiras acompanhadas de desenhos engenhosos. A. Jimenez aceita esta qualificação, considerando que é "uma vaidade graciosa e agradável, não nociva, que define o gênio e protege a autenticidade da obra". É curioso observar que a imagem mais cons-

tante no ex-libris, além do livro, é a da coruja, isoladamente ou figurando com outras imagens, sobretudo a da mulher. Supõe-se, naturalmente, que tal presença é em função da própria simbologia em torno da coruja, que desde os gregos foi tomada como representação da sabedoria.

As origens do ex-libris são remotas. Datam do século 15 antes de Cristo com a descoberta de uma placa egípcia de argila queimada e esmaltada, cujas inscrições encontram-se impressas em rolos e papiros tidos como originais de Amenofis III. Também no Japão foi encontrado um ex-libris que remonta ao século 10 de nossa era, mas somente a partir de 1188 é que se tem notícias sobre a sua prática mais freqüente, principalmente em Baviera e Nuremberg. Contudo, a grande difusão do ex-libris se deu durante o final da Idade Média, quando os livros eram produzidos

pelos mosteiros e, sobretudo, com o advento da imprensa, cujo protagonista, Gutenberg, tratou de difundir por meio dos livros impressos em letra de molde, os famosos incunábulos, maneira de impressão por meio de modelos e tipos móveis. A partir desta época o ex-libris generalizou-se como divisa, monograma, brasão e selo constando não somente em livros, como também em obras de arte e nos artefatos da vida cotidiana.



DESENHO DE JORGE DE OLIVEIRA

DESENHO DE JORGE DE OLIVEIRA



Os cultores catarinenses

Iaponan Soares

Qualquer pessoa de regular cultura por certo já leu ou ouviu falar na palavra ex-libris. De origem latina, quer dizer literalmente "dentro do livro" ou "entre o livro". Em outras palavras, trata-se de uma pequena etiqueta, desenhada com motivo próprio, trazendo o nome de seu dono e encimada por um mote em prosa e verso, quase sempre em latim. Essa etiqueta, colada na parte interna do livro, serve como marca de propriedade. O uso dessa arte se iniciou na Alemanha, onde em 1511 o artista Alberto Dürer executou o mais antigo ex-libris gravado e datado, que hoje se tem notícia. Entre os séculos XVI e XIX o ex-libris se propagou pelo mundo, inicialmente como marca de impressores e livreiros, depois por instituições ligadas ao livro e por bibliófilos de maneira geral.

Para o escritor Eduardo Frieiro, que estudou o assunto em sua apreciada obra "O Livro Nosso Amigos", os ex-libris brasileiros mais antigos são de origem portuguesa. E aponta como exemplos os do Padre Joaquim Danoso, conservador da biblioteca de Dom João VI e o de Luís da Cunha Grã de Ataíde e Lancaster, que governou Pernambuco de 1766 a 1769.

No início deste século o gosto dos ex-libris foi entre nós muito difundido, destacando-se como artistas no assunto os desenhistas Germano Neves e o português Corrêa Dias. Também deixaram contribuições significativas os artistas J. W. Rodrigues, Oswaldo Teixeira, Henrique Cavaleiro, Carlos Oswald, Antonio Paim Vieira, José Heitgen, Alberto Lima, Calmon Barreto e Teodoro Braga.

Há quem encontre nas legendas dos ex-libris um traço marcante da personalidade de seu titular, sendo isso um de seus aspectos mais curiosos.

O ex-libris pode ser dividido em duas categorias: ornamental e tipográfico. Comumente o ex-libris tipográfico estampa um poema ou um pequeno texto em prosa. Já o ornamental apresenta-se com reprodução de uma alegoria, uma cena ou ainda um símbolo de cunho abstrato. Os admiradores da heráldica gostam de reproduzir em seus ex-libris as armas de família. Outros cultores aproveitam o ex-libris para apresentar motivos jacobinos, humorísticos, românticos ou religiosos.

O romancista Raul Pompéia, por exemplo, tinha como mote de seu ex-libris a expressão "Mau, mas meu". De outra parte o pintor francês Manet usava em seu ex-libris a frase latina "Manet manebit".

No início da década de 40, atuava no Rio de Janeiro a Sociedade dos Amadores Brasileiros de Ex-Libris, que entre suas finalidades se propunha "incentivar e facilitar as permutas entre os colecionadores do país". Ainda na década de 40, a Biblioteca Nacional chegou a promover uma exposição do gêne-

ro, apresentando uma amostra de mais de um milhar dessas estampas.

Alguns escritores catarinenses chegaram a usar ex-libris. O primeiro deles foi o poeta e ficcionista Othon D'Eça, cujo ex-libris foi desenhado pelo artista Corrêa Dias. Trata-se de uma concepção de cunho heráldico e que apresenta uma figura humana contemplando uma paisagem sob a epígrafe "Eu voltei-me para trás e fiquei parado...". Esse ex-libris é de 1918 e está publicado no livro "Cinza e Bruma", da mesma data e que tem igualmente capa e ilustração de Corrêa Dias.

O ficcionista e jornalista Tito Carvalho divulgou seu ex-libris, quando publicou o livro de contos "Bulha d'Arroio", em 1939. O motivo escolhido é uma paisagem do planalto serrano, tendo em primeiro plano um tronco de pinheiro deixado à mostra suas numerosas raízes, tendo como lema a frase: "O... e raízes prendem-me ao chão...".

O historiador Lucas Alexandre Boiteux divulgou seu ex-libris no livro "Pequena História Catarinense", em 1920. O historiador escolheu seu ex-libris em forma de escudo, traspassado por uma âncora e uma espada, tendo na parte superior um jovem lendo, trazendo como divisa a legenda "No passado os olhos tenho". Esse ex-libris foi republicado na *Revista Genealógica Brasileira*, nº 5, 1º semestre de 1942.

Seu irmão Henrique Boiteux, também historiador, é ele próprio o idealizador de seu ex-libris. Para tal buscou na simbologia heráldica os elementos para sua síntese. Assim sendo, tomou por base "uma rocha" (constância, ânimo firme e constante), que descansa no fundo do mar. Sobre ela cresce um "ramo de coral" (esforço próprio, feito por si, sem auxílio alheio), o qual aflorou à superfície do mar, isto é ao máximo nível de carreira que seguiu. Sobre ele veio repousar um "salva-vida" (altivez, insubmissão). Sobre este descansa um livro, expressão de suas lucubrações, encimado pelos emblemas de sua carreira naval.

O anagrama - O que exhibi nutre - é o resultado de pesquisa paciente feita, combinado a totalidade, sem repetição das letras de seu nome. Esse ex-libris e sua descrição se encontra igualmente publicado na *Revista Genealógica Brasileira*, nº 3, 1º semestre de 1941.

O historiador Silvio Elvidio Carneiro da Cunha, que foi do quadro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, organizou seu ex-libris "com o Brasão de Armas dos Carneiros da Cunha", significando: Os Carneiros - Força, desafio e tenacidade; as Cunhas - Firmeza e segurança; as Flores de Liz - Esperança e felicidade pública. Coroa o Brasão um livro aberto com uma pena atravessada; na parte interior lê-se a legenda latina - "Labor Omnia Vincit", a qual se rela-

ciona e completa a verdadeira significação daqueles dois símbolos (*Revista Genealógica Brasileira*, nº 5, 1º semestre de 1942).

O historiador Oswaldo R. Cabral tinha como motivo de seu ex-libris o desenho de um livro aberto e sobre este uma pena. Sua divulgação se deu na obra "A Venerável Ordem Terceira da Ilha de Santa Catarina", editado em Florianópolis, em 1945.

Educador e ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina era Eliezer dos Santos Saraiva, cujo ex-libris mostra um livro aberto e sobre este uma lâmpada acesa. O livro reproduz a legenda latina "Indocti discant ament meninisse periti".

A poetisa e cronista Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, que se assina literalmente como Silvamélia, tem seu ex-libris baseado na profissão que exerce. Sua concepção e desenho é de autoria da artista Helena Lapa Maranhão, natural do Rio Grande do Norte. A descrição desse ex-libris é a seguinte: ao centro, uma agenda aberta encimada pelo lema "Dever", tendo na primeira folha apitada a pena de uma caneta, com um tinteiro, ao lado, simbolizando as atividades intelectuais. Em cima da agenda um livro de direito fechado, ostentando na capa a balança lembrando que a advocacia deve estar sempre a serviço da justiça.

É do poeta e pensador Arnaldo Claro de S. Thiago, entretanto, o ex-libris mais original de todos aqui estudados. Publicado numa das páginas iniciais do livro "Dante Alhieri, o último iniciado", tem como motivo uma

mancha escura insinuando formas que na parte inferior apresenta um traço vertical. No centro dessa mancha, em campo branco, a legenda, "Tudo provém de Deus".

No rol dos ex-libris aqui comentados acreditamos haver omissões, pois as fontes que dispusemos foram muitos limitadas. Se para alguns o assunto não passa de ostentação de vaidade, para outros é mais um elemento capaz de ajudar a compreender o espírito de seus titulares.

Do telúrico Tito Carvalho, tão fortemente tocado pela paisagem serrana e seus costumes, ao espiritualista Arnaldo Claro de S. Thiago se pode observar o quanto estes autores foram ou não fiéis ao que se propunham. Mesmo que possa ser discutível este tipo de leitura, o ex-libris é um documento válido sobre a personalidade de seu dono e neste sentido não pode ficar sem decodificação. O que informa poderá ter relações com o produto da criação de seu possuidor. Mário Vargas Leusa ao estudar em "A Orgia Perpétua", a obra de Gustavo Floubert mostrou ser possível e eficaz a leitura paralela de elementos ligados à vida do escritor, encontrando ele em Floubert uma relação muito forte entre os objetos que o cercavam e a obra que produziu.

Para finalizar, lembramos que o ex-libris é o precursor moderno dos hoje usados e abusados logotipos. O braço, o ex-libris, e o logotipo são portanto, marcas de propriedade, símbolos gráficos que alguns homens ao longo dos tempos tem se valido para indicar suas presenças.



JORGE DE OLIVEIRA - Artista plástico, gráfico e heraldista. Auto-didata, projetou seu nome como criador e desenhista de Ex-Libris. Seus trabalhos são expostos constantemente em mostras organizadas na Europa. Tem um livro de poesias publicado e pertence a Academia Valenciana de Letras, de Valença, sua cidade natal, no Rio de Janeiro.

IAPONAN SOARES - Escritor, Bacharel em Pedagogia, com mestrado em organização e Administração de Arquivos. Foi diretor da Fundação Catarinense de Cultura no governo anterior. Atualmente, administra o Museu de Poesias Manuscritas, criado por ele.

JAYRO SCHMIDT: Artista plástico, escritor e professor das oficinas do CIC.